

PAULA GUERRA*
MARTA RODRIGUES**
SOFIA SOUSA***
RUI SARAIVA****

O OUTRO LADO DA CIDADE: DINÂMICAS DE APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS RESIDENCIAIS PERIFÉRICOS

The other side of the city: dynamics of appropriation of peripheral residential spaces

Abstract

This article is based on the communication that took place at the Faculty of Arts and Humanities of University of Porto from October 11 to 13, at the International Conference *Philosophy of the City 2017*, and was included in the panel entitled «The

* Socióloga. Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia na Universidade do Porto. Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) e do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM). Adjunct Professor do Griffith Center for Social and Cultural Research (GCSCR), Austrália. E-mail: pguerra@letras.up.pt.

** Socióloga. Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto. E-mail: marta.am.rodrigues@hotmail.com

*** Socióloga. Mestranda em Sociologia na Universidade do Porto. E-mail: sofia_23_4_95@hotmail.com

**** Filósofo. Mestrando em Sociologia na Universidade do Porto. E-mail: ruipauloms@gmail.com

other side of the city: dynamics of appropriation of peripheral residential spaces». Based on a sociological understanding, the urban social tissue is based on the social constructions that underlie it. Social neighbourhoods located in peripheral areas of the cities are physical and social spaces characterized by manifestations of poverty and social exclusion. In these spaces are developed ways of life with specific and differentiated configurations compared to dominant society. It is based on the fact that social exclusion is a dynamic and multidimensional process relationally constituted as the source of identity tensions in space. The contribution to this article is based on the approach of the appropriation processes in peripheral social neighbourhoods located in Darque, Viana do Castelo, focusing on research on influences underlying the dynamics of social and ethnic identities that are agglomerated in these relational social spaces.

Keywords: City; Peripheral residential spaces; Social neighbourhoods; Social exclusion, Identities.

Resumo

Este artigo tem por base uma mesa redonda realizada no âmbito do Congresso Internacional *Philosophy of the city 2017*, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto de dia 11 a 13 de outubro, e integrou-se no painel intitulado «The other side of the city: dynamics of appropriation of peripheral residential spaces». Com base numa leitura sociológica, o tecido social urbano baseia-se nas construções sociais que o sustentam. Por excelência, os bairros sociais localizados nas zonas periféricas das cidades são espaços físicos e sociais, marcados por manifestações de pobreza e exclusão social. Nestes espaços, desenvolvem-se modos de vida com configurações específicas e diferenciadas relativamente à sociedade vigente e dominante. Tem-se por base que a exclusão social consiste num processo dinâmico e multidimensional constituído de forma relacional como origem de tensões identitárias no espaço. O contributo deste artigo assenta na abordagem dos processos de apropriação em bairros sociais periféricos situados em Darque, Viana do Castelo, focalizando a pesquisa nas influências subjacentes às dinâmicas das identidades sociais e étnicas que se aglomeram nestes espaços sociais relacionais.

Palavras-chave: Cidade; Espaços residenciais periféricos; Bairros sociais; Exclusão social; Identities.

1. O (não) direito à cidade: fenómenos de exclusão social

O tecido social urbano é configurado segundo as construções sociais que lhe são subjacentes, daí que a organização do espaço urbano e a vivência em zonas periféricas, alvo de segregação tanto a nível espacial, como social e cul-

tural, condicionem – e sejam condicionadas – (pel)os modos de vida e as representações dos seus habitantes com efeitos ao nível dos seus recursos materiais, sociais e simbólicos. Assim, o território é sinónimo de apropriação, pois condensa o conjunto dos projetos e das representações nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. A vivência em pleno da cidade pressupõe a existência de um padrão social de referência em termos de direitos e de deveres e, por isso, ao direito à cidade estão associados outros direitos, como o direito ao alojamento, o direito ao emprego, o direito aos serviços, o direito à cultura e à qualidade de vida urbana e o direito de cidadania¹. Nesta ótica, os bairros desqualificados são os lugares onde existem cumulativamente os maiores estrangulamentos face a estes direitos². Com efeito, geralmente nestes espaços evidenciam-se processos dependentes de participação na medida em que os habitantes são simplesmente informados das decisões e não encetam estratégias de concertação com os poderes políticos, que por sua vez, não têm qualquer interesse no exercício mais ativo e coparticipado por parte das populações³.

Os fenómenos de desqualificação social e urbana apresentam conectividades com o fenómeno da exclusão, traduzem processos de afrouxamento ao nível das ligações sociais e com incidências em termos de *deficit* de integração identitária. Não será de estranhar, portanto, que os indivíduos socialmente desqualificados se encontrem tendencialmente concentrados nos mesmos bairros, com problemas de conceção e de organização evidentes e ainda de degradação do edificado e dos espaços públicos coletivos. A «redundância dos símbolos visíveis de degradação»⁴ gera intensas tensões entre os habitantes e a sociedade no seu todo, situação que é agravada pela constituição de uma imagem social estigmatizante e que interpreta esses espaços como negativos e violentos. Ora, a segregação reveste-se de um carácter de «fratura» social, sendo causa e consequência do surgimento de inúmeros problemas sociais de atualidade mediática e de debate técnico.

¹ Guerra, Paula, «A cidade na encruzilhada do urbano», *Dissertação (Mestrado)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2002a. Guerra, Paula, «A cidade inclusiva», in Figueiredo, António Manuel; Penabad, Jose Manuel Peña; Álvarez, Enrique José Varela (coords.), *Retos de la Acción de Gobierno para las Ciudades del siglo XXI/Desafíos da governação das cidades do século XXI*, Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, Porto/Vigo 2012a, p. 351.

² Fayman, Sonia, «La politique de la ville ... et les habitants?», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 68-69 (1995), pp. 114-122.

³ Blanc, Maurice, «Politique de la ville et démocratie local. La participation: une transaction le plus souvent diférée», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 68/69 (1995), pp. 98-106.

⁴ Simon, Patrick, «La politique de la ville contre la ségrégation ou l'idéal d'une ville sans divisions», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 68/69 (1995), pp. 26-33.

Como já foi por nós referido em outro momento⁵, o processo de estigmatização social tal como é explicado por Erving Goffman deriva de uma «etiquetagem» social, demonstrando o carácter lateral que a questão do desvio assume em relação às normas na problemática goffmanniana. Com efeito, este autor diferencia dois tipos de identidades sociais: a identidade social virtual que é construída a partir do somatório de informações do «eu» recolhidas na interação – aspetos físicos, reputação, modos de falar, modos de vestir, etc., e a identidade social real composta pelos atributos próprios, ou seja, reais, dos indivíduos⁶. Alguns destes atributos implicam o «descrédito» imediato dos indivíduos que os possuem. Se os atributos que conferem descrédito não se apresentarem, de imediato, no decurso da interação social, o indivíduo tende a ocultá-los, por intermédio de táticas, fazendo corresponder a sua identidade social virtual à sua identidade social real. Durante os processos de interação social podem assomar discrepâncias reais entre o que a sociedade vê e o que o indivíduo é, nascendo deste modo, também, o estigma. Este é constituído pela valorização dos atributos mais negativos dos sujeitos, ocasionando anátemas que na interação, vão constituir marcas de desqualificação e exclusão, constituindo estereótipos identificativos, a todo o momento.

2. Bairros sociais periféricos em Darque

Como podemos perceber a partir da visualização da figura 1, respeitante à delimitação das áreas geográficas onde se localizam as comunidades desfavorecidas de Viana do Castelo pelo *Plano de Ação de Integrado para as Comunidades Desfavorecidas* de Viana do Castelo, demonstramos a localização periférica da área geográfica de Darque e correspondente a *comunidade desfavorecida*.

⁵ Guerra, Paula, «Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade», *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. I, nº2 (1992) 145-175. Guerra, Paula, «Cenários portuenses de insegurança. Contributos do interacionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio», *História – Revista da Faculdade de Letras*, Vol. 3 (2002b) 125-159. Guerra, Paula, «O Bairro do Cerco do Porto: cenário de pertenças, de afectividade e de simbologias», *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. 12 (2002c), pp. 65-144.

⁶ Goffman, Erving, *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade social deteriorada*, Zahar Ed, Rio de Janeiro 1982, p. 11.

Figura 1 - Delimitação das comunidades desfavorecidas de Viana do Castelo pelo PAICD de Viana do Castelo



Fonte: CM Viana do Castelo; CEGOT.UP

Localizada na margem sul do rio Lima, numa área periférica em relação ao centro da cidade de Viana do Castelo, Darque é o local em que muitos dos bairros sociais desta cidade se concentram, mais resguardados da vista da cidade. Como sabemos, os bairros sociais, particularmente aqueles que estão localizados nos arredores das cidades – são espaços físicos e sociais principalmente marcados pela pobreza e por fenómenos de exclusão social, espaços onde se desenvolvem configurações específicas dos modos de vida⁷. A par da localização periférica de Darque, esta área pertencente a Viana do Castelo agrega

⁷ Rodrigues, Marta, «Vidas entrelaçadas em Darque: uma abordagem aos processos de (re) construção identitária de habitantes de bairros sociais» *Dissertação (Mestrado)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2017. Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit.

um conjunto de problemáticas devido à confluência de indivíduos com uma série de problemáticas sociais que habitam bairros sociais desqualificados socialmente. Tendo por base os dados estatísticos do INE referentes a 2011, o perfil sociográfico da comunidade desfavorecida de Darque revela indicadores de vulnerabilidades económicas, culturais e sociais, como é o caso da elevada taxa de desemprego, 15,7%, nomeadamente de longa duração. No que diz respeito ao cenário mais negativo, no âmbito da procura de novo emprego no concelho de Viana do Castelo – havendo 85,8% de indivíduos em situação de procura do primeiro emprego; as situações de pobreza também têm relevância nesta comunidade, sendo que 16,8% das famílias têm pelo menos um membro desempregado no seu agregado; os níveis de abandono e insucesso escolares são consideráveis nesta comunidade desfavorecida, existindo um número de crianças com um grau de absentismo escolar superior ao dos demais agrupamentos de escolas de Viana do Castelo; os baixos níveis de qualificação escolar, representados por uma taxa de analfabetismo de cerca de 5,7%, sendo que apenas 39,7% dos indivíduos que integram a comunidade desfavorecida de Darque têm qualificações iguais ou superiores ao 3º ciclo do ensino básico. A somar a estes fatores, destaca-se a forte presença de comunidades ciganas que habitam bairros sociais alvo de processos de desqualificação social e física do espaço público⁸.

Desta feita, o objeto de estudo desta pesquisa tem por base mulheres ciganas que se encontram desempregadas, ou em situação de pobreza, e que registam abandono e/ou insucesso escolar, baixos níveis de qualificação escolar e que vivem em bairros sociais com condições precárias. A opção pela delimitação do objeto de estudo feminino tem em consideração que:

ainda vivemos [...] [num] sistema patriarcal (...) construído sob bases arbitrárias em que a figura da mulher foi enfraquecida a partir das divisões e atribuições dadas a cada sexo/sujeito. Além disso, surgiram, ao longo dos tempos, muitas questões sobre essas divisões, sobretudo em consequência da acentuada diferença que se sobrepôs à figura da mulher⁹.

A par das influências internas e externas da exclusão social, existem con-

⁸ Com base numa componente da candidatura do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

⁹ Souza, Sibely da Silva, «Periferias narrativas: vozes em trânsito», *Dissertação (Mestrado)*, Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus 2017.

flitos interétnicos devido à coabitação nos mesmos espaços entre ciganos e não ciganos ou com outras diferenças socioculturais. Devido à progressiva sedentarização dos grupos de etnia cigana, a sua «fixação tem vindo a passar das casas abarracadas, barracas e unidades móveis, para o realojamento em bairros sociais, onde se registam elevados níveis de concentração de efetivos e uma coabitação multiétnica, assim como alguns sinais de conflitualidade interétnica»¹⁰.

Através de uma abordagem metodológica qualitativa, com o uso de observação direta e entrevistas para essas mulheres e para os agentes socioinstitucionais, esta investigação pretende analisar processos diacrónicos e sincrónicos de reconstrução relacionados com as identidades sociais e étnicas.

2. Os espaços residenciais periféricos

Correntemente, emergem fenómenos designados por gentrificação, um processo que Walter Rodrigues analisou na cidade de Lisboa¹¹, e sobre o qual adianta três pressupostos básicos. Primeiramente, saber as formas de que se reveste o processo em cada contexto urbano particular. Seguidamente, a importância do processo para a recomposição do tecido social das áreas urbanas, independente muitas vezes de qualquer reapropriação das zonas ditas históricas por parte das camadas mais desfavorecidas e populares do tecido social. Finalmente, a gentrificação deverá ser abordada não só numa componente de apropriação residencial, mas dentro de um processo de reestruturação das cidades que faz com que coexistam no mesmo espaço, os «profissionais e a *beautiful people*, da gentrificação residencial e económica» e «o «Outro» das heterotopias do tecido social das metrópoles»¹².

Decorrente do processo de gentrificação, surgem fenómenos de polarização que se traduzem na dualização da estrutura social das cidades acentuando-se as clivagens entre classes possidentes e classes desapossadas. A polarização social crescente nas cidades, categoria conceptual inacabada

¹⁰ Mendes, Maria Manuela, «Um olhar sobre a identidade e a alteridade: Nós, os Ciganos e os Outros, os Não Ciganos», *Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: passados Recentes, Futuros Próximos*, (2005b), p.31.

¹¹ Rodrigues, Walter, «Globalização e gentrificação. Teoria e empiria», *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 29 (1999), pp. 95-125. O mesmo autor tem vindo a desenvolver as suas análises em outros trabalhos, dos quais salientamos, Rodrigues, Walter, «Urbanidade e novos estilos de vida», *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 12 (1992), pp. 91-107.

¹² Rodrigues, «Globalização e gentrificação», art. cit., p. 111.

e polissémica, pode ser definida como um conjunto de processos que desembocam na criação de uma fratura social profunda entre os que têm capacidade de apropriação económica do espaço ou não; esta desigualdade pode radicar nos rendimentos e na estrutura de rendimentos possuída pelos estratos sociais presentes, entrecruzada com as diferentes oportunidades em termos de mobilidade social ou profissional através da criação de obstáculos à mudança de estatuto ou de segmento do mercado de trabalho, traduzindo-se assim, em segregação residencial, cultural e simbólica¹³.

A análise da polarização interessa-nos na medida em que está estreitamente relacionada com toda a amálgama de processos que conduzem à concentração de pessoas de débeis recursos em aglomerados habitacionais e urbanísticos de qualidade medíocre e de impacto negativo sobre a estrutura urbana. A consequência de todo este processo de estruturação do espaço situa-se no facto de que determinados atores sociais urbanos, devido à sua insuficiente estrutura de recursos, desprovidos de capacidade negocial, sujeitam-se a processos de seleção e de segregação no quadro da sua localização do espaço urbano¹⁴, sendo de assinalar ruturas evidentes a que são vulneráveis determinadas categorias sociais em particular, sendo de destacar, a título exemplificativo, o caso dos jovens que se encontram desintegrados da escola, do trabalho, do emprego e da cultura dominante, assim,

os jovens podem passar muito facilmente de uma situação de desqualificação ou de insucesso repetidos a uma situação de rutura, sem passar praticamente pela fase de dependência, porque esta fase de fragilidade, de desqualificação, pode levá-los a procura (de) compensações nos meios marginais, em particular nas redes de droga, e a perder os laços que os ligavam a uma rede profissional e à família¹⁵.

Importa agora passar a uma caracterização dos bairros sociais de Darque que estão na base deste trabalho, assim como a uma caracterização socio-demográfica dos entrevistados. Nas fotografias da figura 2 podemos ver um

¹³ Sobre esta questão Christ Hamnett tece importantes considerações: Hamnett, Christ, «La polarisation sociale: déconstruction d'un concept chaotique?», in A. Martens – M. Vervaeke (coords.), *La Polarisation Sociale des Villes Européennes*, Anthropos Paris 1997, pp. 111-123.

¹⁴ Guerra, «Cenários portuenses de insegurança...», art. cit.. Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit.. Willmott, Peter - Murie, Alan, *La Pauperisation du Logement Social. Le cas de la Grande-Bretagne et de la France*, Éditions L'Harmattan, Paris 1990, pp. 75-99.

¹⁵ Paugam, Serge: «A desqualificação social», in SOULET, Mark-Henry, *Da Não-Integração. Tentativas de Definição Teórica de um Problema Social Contemporâneo*, Quarteto Editora, Coimbra 2000, p. 117.

dos bairros sociais onde vivem nossos entrevistados: Bairro do Fomento. A primeira impressão desse bairro social é que revela vários sinais de degradação física que não possibilitam representações sociais positivas. Além do aspeto físico do bairro, este acolhe um grupo de indivíduos com vulnerabilidades sociais que tendem a danificar as imagens reproduzidas relativamente ao bairro, segundo um processo cíclico¹⁶.

Figura 2 - Perspetivas do edificado do Bairro do Fomento



Fonte: Fotografada por Marta Rodrigues, 2017

Na figura 3, podemos visualizar outro dos bairros sociais onde vivem nossos entrevistados: Bairro 3 de julho. O Bairro 3 de julho possui uma imagem física mais agradável devido ao facto de ter sido pintado recentemente e possuir mais condições. No entanto, persistem as representações sociais menos positivas sobre o bairro devido ao conjunto de pessoas com diferentes problemas sociais que habitam esse espaço social.

¹⁶ Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit.

Figura 3 - Perspetivas do edificado do Bairro 3 de julho



Fonte: Fotografias por Marta Rodrigues, 2017.

De acordo com a informação sobre o objeto de estudo supramencionado, segue-se a estrutura que define os perfis sociodemográficos dos entrevistados:

Tabela 1 - Dados sociográficos das entrevistadas

Etnia	Idade	Profissão	Nível de escolaridade	Local de residência
Cigana	22	Executante das tarefas do lar	9.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	16	Estudante	6.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	20	Feirante	9.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	21	Executante das tarefas do lar	6.º ano	Bairro do Fomento

Cigana	25	Desempregada	5.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	22	Executante das tarefas do lar	9.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	16	Estudante	9.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	41	Feirante	6.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	17	Feirante	8.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	42	Desempregada	Analfabeta (sabe escrever o nome próprio)	Bairro 3 de julho
Cigana	19	Desempregada	10.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	13	Estudante	4.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	12	Estudante	4.º ano	Bairro 3 de julho

Através da *Tabela 1*, imediatamente constatamos que estas mulheres ciganas são empregadas domésticas, estudantes ou desempregadas e, quando têm emprego, são comerciantes. Em relação à escolaridade, os níveis apresentados são o resultado do abandono e do insucesso escolar que ainda são comuns na etnia cigana, apesar das mudanças sociais que se têm verificado neste sentido. Isto significa que as mulheres ciganas não são bem qualificadas, o que implica ciclos de exclusão social que impedem de se candidatar a outros trabalhos, a menos que tenham que gerir o próprio negócio no contexto das feiras.

Ao focalizarmos o nosso olhar em bairros, quisemos manter uma certa distância epistemológica relativamente ao que Henri Lefebvre apelida de «ideologia do Bairro»¹⁷. Sabemos que a entidade que apelidamos de Bairro não é o quadro natural da vida social da cidade, mas corporiza um tipo ideal de vida em sociedade à escala humana. Aliás, a questão do alojamento tem sido colocada no âmbito das políticas urbanas na medida em que se entende que o primeiro plano de realização humana passa pela sua satisfação no espaço de vida doméstico¹⁸. O bairro não deve ser assumido como essência da vida humana, sobretudo numa época em que a escala do ator social já não pode determinar o todo, pois a urbanização facilitou uma organização

¹⁷ Lefebvre, Henri, *Du Rural à l'Urbain*, Éd. Anthropos, Paris 1970, p. 207.

¹⁸ Cfr. Joseph, Isaac, «Le droit à la ville. La ville à l'oeuvre. Deux paradigmes de la recherche», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 64 (1994) 4-10.

mais ampla da vida económica e social. A multiplicação dos meios de comunicação nas deslocações passou a ser um ingrediente essencial da vida quotidiana¹⁹ como já referimos anteriormente. No que diz respeito ao ideal comunitário tantas vezes atribuído ao Bairro, ou à vida no Bairro, em virtude da intensa participação dos seus habitantes, Beringuier evidencia os objetivos de assegurar a reprodução dos mecanismos de exploração e de acumulação de capital que são ocultados sob a forma de defesa da vida associativa. De igual modo, Beringuier também problematiza o facto de sempre se associar a identidade face ao espaço como local de habitação²⁰.

3. Fragmentos (e resistências) identitários

As entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa sociológica foram na forma de histórias de vida de mulheres ciganas para conhecer as suas representações sobre viver num bairro localizado nos arredores da cidade de Viana do Castelo. Aqui se apresentarão alguns excertos de entrevistas para demonstrar as perspetivas dessas pessoas sobre a sua pertença e vivência em bairros sociais periféricos por forma a entender os efeitos identitários. As entrevistadas consideram que viver no bairro não é o único fator que influencia as situações de pobreza e exclusão, mas também o facto de serem de etnia cigana. Uma das características das políticas de construção destes espaços assenta na diferenciação pela negativa, que se transporta também para os seus habitantes²¹. Assim, também são espaços de desenraizamento e de pulverização dos contactos e das relações sociais, não podendo deixar de se constituir como espaços de especial atenção porque materializam o quotidiano de um número cada vez maior de pessoas.

Para além disso, verifica-se que o posicionamento de aparente repulsa da coabitação com etnia cigana por parte de membros da mesma etnia não exprime um afastamento identitário face ao grupo, mas sim «um reconhecimento da sua singularidade e especificidade» relativamente aos não-ciganos e

¹⁹ Cfr. Rémy, Jean - Voyé, Lilianne, *Ville, Ordre et Violence*, Presses Universitaires de France, Paris 1981.

²⁰ Beringuier, Christine, «Se reconnaître dans la ville: à chacun son quartier!», *Espaces et Sociétés*, n.ºs 34-35 (1980).

²¹ Cfr. AA. VV., *Demain la Ville – Rapport présenté au Ministre de l'Emploi et de la Solidarité par Jean-Pierre Sueur – Maire d'Orléans*, Tome I, La Documentation Française, Paris 1998. Guerra, «Cenários portuenses de insegurança...», art. cit.. Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit.

a presença de conflitos que envolvem ciganos²².

É um bairro social, basta dizer que vives num bairro social com ciganos que já te fecham todas as portas, mesmo que sejam ciganos intelectuais e como deve de ser, com uma vida social muito equilibrada, dizem-te logo «mora num bairro social? é logo, há logo aquela coisa com os ciganos e isso muda, acho muito que sim.

(Etnia cigana, 41 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Se morasse numa casa sem ser perto dos ciganos acredito que fosse melhor, que tivesse mais oportunidades.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Para além do referido, as condições físicas dos bairros e a falta de limpeza dos espaços também influenciam as experiências de auto e hetero representações sociais acerca desses espaços sociais. Os habitantes desses bairros acabam por contribuir para a imagem degradante dos bairros onde residem, uma vez que acabam por revelar algum desinteresse pela sua preservação²³.

Melhorar mais o aspeto do bairro que tem um aspeto assim... [mau].

(Etnia cigana, 17 anos, feirante, 8.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Já viu como está este bairro? Está muito velho este bairro, tem muito mau aspeto. [...] Não há muita limpeza. As pessoas não têm cuidado, mandam muita coisa para o chão.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

A concentração de pessoas com diversos problemas sociais em espaços de habitação segregados e localizados na periferia intensifica os processos de exclusão social. Como refere Michel Pinçon a segregação «é sinónimo de exclusão e de relegação»²⁴. A segregação sócio espacial prende-se com as

²² Mendes, Maria Manuela, *Nós, os Ciganos e os Outros: Etnicidade e Exclusão Social*, Livros Horizonte, Lisboa 2005a, p.87.

²³ Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit..

²⁴ Pinçon, Michel, «Des communautés peu ordinaires: élites sociales et comités de défense

diferentes localizações de grupos sociais definidos em função da sua posição social, da sua origem geográfica, da sua religião, etc.. Este eixo conceptual remete-nos para a instauração de distâncias sociais e físicas e para a saliência simbólica da diferença face ao «outro». Num segundo enfoque conceptual, este processo prende-se não tanto com as distâncias sócio espaciais estabelecidas entre os diferentes grupos no quadro de interação espacial, mas sobretudo, com as desigualdades de acesso aos recursos materiais, lúdicos e simbólicos da cidade²⁵, por outras palavras, à centralidade da cidade corporizadora de equipamentos e de serviços destinada à propiciação do bem-estar social e humano²⁶. A pertinência analítica destes dois eixos parece-nos importante, pois a cidade incorpora dinamicamente ambas as modalidades de segregação. No caso particular dos bairros sociais ou de iniciativa camarária, as duas componentes encontram, a nosso ver, uma exemplificação paradigmática.

Dentro da mesma linha de abordagem, é necessário focar aqui dois fatores que podem amplificar os processos de segregação sócio espacial. Por um lado, a focalização, e a sobreposição, de programas de intervenção (transnacionais, nacionais e locais) nestes espaços, podem, ainda, adensar mais os sentimentos de estigmatização que afetam as populações que residem em determinados espaços urbanos, pela atribuição negativa e depreciativa de que são objeto por parte da restante população. Esses lugares tendem a ser catalogados e etiquetados de «bairros difíceis», ou por outras palavras, bairros ou zonas «deserdado(a)s». Por outro lado, a mediatização de que são alvo esses espaços, assume, com frequência, um pendor sensacionalista e empolgado, quase fantasmagórico, o que contribui para reforçar e amplificar a imagem exterior negativa desses locais e das populações que aí residem. A imagem pública socialmente difundida retrata esses espaços como espaços de violência, de conflito, inseguros, em síntese, espaços perigosos, aí não é possível viver²⁷. O que podemos verificar é que quando as famílias ciganas pretendem alugar

dans les beaux quartiers», in N. Haumont (ed.), *La Ville: Agrégation et Ségrégation Sociales*, Éditions L'Harmattan, Paris 1996, p. 55. Guerra, «A cidade na encruzilhada do urbano», op. cit.

²⁵ Cfr. Preteceille, Edmond, *La Ségrégation Sociale dans les Grands Villes*, Paris, La Documentation Française, 1992; Pinçon, Michel et al, *Ségrégation Urbaine. Classes et Équipements Collectifs en Région Parisienne*, Éd. Anthropos, Paris 1986.

²⁶ Guerra, «A cidade na encruzilhada do urbano», op. cit. Grafmeyer, Yves, «Regards sociologiques sur la segregation», in J. Brun, - C. Rhein (eds.), *La Ségrégation dans la Ville*, Édition L'Harmattan, Paris 1994, pp. 85-117.

²⁷ Guerra, «Cenários portuenses de insegurança...», art. cit.. Guerra, «O Bairro do Cerco do Porto...», art. cit.. Um maior desenvolvimento destas questões pode ser encontrado no artigo de Oberti, Marco, «La relégation urbaine, regards européens», in S. Paugam, (dir.), *L'Exclusion, l'État des Savoirs*, Éditions La Découverte, Paris 1996, p. 237-247.

ou comprar uma casa e os proprietários percebem que estão a negociar com famílias ciganas, seguem-se um conjunto de desculpas para que o negócio fique por ali. O argumento é que pessoas de etnia cigana provocarão uma série de problemas, consequência das representações sociais associadas aos seus comportamentos.

Quando quero alugar uma casa pedem logo folhas de vencimento, folhas de IRS, claro que se não trabalho não tenho, só que se veem que sou cigana...

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Sei que não alugam casas a ciganos. Aqui em Darque e em Viana sabem que é cigano e não querem [...] vou para onde? Quem me dera a mim que me dessem uma casinha.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Se pudessem dar outra casa queria sair daqui.

(Etnia cigana, 42 anos, desempregada, apenas sabe escrever o nome próprio, residente no Bairro 3 de julho)

Para além da discriminação e do racismo que se denota no acesso ao mercado de trabalho, as mulheres ciganas também relatam o facto de que as distribuições das pessoas pelos blocos do bairro revelam discriminação contra os ciganos.

Há pessoas racistas [...] quando não dão trabalho às pessoas, ainda há racismo.

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Em vez de fazerem os prédios para a banda de cá fizeram para a de lá porque são racistas.

(Etnia cigana, 42 anos, desempregada, apenas sabe escrever o nome próprio, residente no Bairro 3 de julho)

Concluindo, as mulheres entrevistadas pretendem mudar de residência se lhes for concedida essa oportunidade, uma vez que os espaços sociais onde vivem são o *locus* de concentração de problemáticas sociais. No entanto,

as mulheres entrevistadas não têm como prioridade abandonar Darque. A habitação funciona como lugar privilegiado de instalação no tecido urbano. Nesta perspetiva, a cidade e a casa desenvolvem relações de complementaridade, uma vez que o urbano é o cenário da deslocação do movimento e da circulação, funcionando a habitação como o local da interiorização, da adaptação²⁸. A crise do urbano também será, então, a expressão da crescente desarticulação entre a cidade e a casa, tornando-se, esta última, cada vez mais um espaço de fragmentação, de desenraizamento e de precariedade de existência²⁹.

Sabemos que a construção de uma casa é um fenómeno cultural que se inscreve no espírito de uma época. A habitação torna-se um elemento de base na avaliação da qualidade de vida social, que é apreciada, não só a partir do seu «valor de abrigo», mas também a partir, e de forma cada vez mais intensa, do seu valor de implantação e de localização, aliada às possibilidades de aceder facilmente aos diferentes locais de trabalho e de serviços³⁰. Ou, de outra forma, pela sua renda de posição e pela sua renda de qualidade. A casa pode ser perspetivada como «janela de cultura» na medida

em que a própria conceção arquitetónica e os usos dos espaços domésticos estão bastante ligados a valores e práticas culturais (...). A casa aparece (...) como um todo a explorar numa ótica de produção e apropriação sociocultural, utilizando, para tal, modelos ambientais suscetíveis de diferenciar socioculturalmente diversos modelos de habitar...³¹.

Estas formas de habitar são influenciadas pelos modelos culturais, pela posição do indivíduo na estrutura social, mas, também, pela própria estrutura espacial ou contexto espacial em que os agentes sociais se movem.

4. Seguindo os sinais

A forma como estes indivíduos se auto e hetero definem baseia-se nas suas trajetórias e experiências de exclusão por comparação ao *outro*, isto é, tendo

²⁸ Guerra, «A cidade na encruzilhada do urbano», op. cit..

²⁹ Cfr. Jarreau, Philippe, *Du Bricolage: Archéologie de la Maison*, CCI-Centre Georges Pompidou, Paris 1985.

³⁰ Rémy - Voyé, *Ville, Ordre et Violence*, op. cit., p. 89.

³¹ Freitas, Maria João, «Pensar os espaços domésticos em contextos de realojamento», *Sociedade e Território*, n.º 25/26 (1998) p. 153-154.

o *outro* como referencial. A ausência de perspectivas futuras de mobilidade social por parte das entrevistadas adultas é uma regularidade verificada. Porém, as aspirações para os seus descendentes são mais elevadas. Verifica-se que as exclusões sociais de que estas mulheres ciganas são alvo tendem a manter-se geracionalmente, o que constitui limitações no acesso a melhores condições de vida e a ocorrência de processos de mobilidade social ascendente³². Existem sinais de que nos espaços sociais como os bairros sociais que temos vindo a falar ao longo deste artigo ocorrem processos sociais de exclusão dos modos de vida destas mulheres ciganas que habitam estes locais.

As identidades sociais e individuais sofrem constantes processos de reconstrução, fundamentalmente aqueles que são alvo de exclusão social e lidam com tensões identitárias que envolvem violência simbólica por oposição aos valores e modos de vida contrastantes com os dos restantes indivíduos que integram a sociedade. Estas pessoas servem-se de estratégias identitárias para se autodefinirem e às suas condições de vida. As trajetórias biográficas destas mulheres ciganas continuam a revelar-se tendencialmente limitadas por constrangimentos associados às vulnerabilidades sociais que albergam e o facto de se inserirem num grupo étnico altamente discriminado na sociedade (ver figura 4).

Figura 4 - Word cloud: perfis sociodemográficos das entrevistadas



Fonte: Marta Rodrigues, 2017.

³² Rodrigues, «Vidas entrelaçadas em Darque...» op. cit.

A inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade, na cooperação entre diferentes e na aprendizagem da multiplicidade; um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos que, por sua vez, se preparam para desempenhar um papel nessa sociedade.

Como Paula Guerra³³ refere, de acordo com a noção de que estar excluído é estar privado dos direitos de cidadania plena, a exclusão social constitui um problema não só social como democrático e de resolução crucial a integrar nas políticas de inclusão social. Na perspetiva de Marco Oberti³⁴, a cidade é um espaço dual, proporcionando quer a integração, quer a exclusão. A diferenciação social inscreve-se no espaço físico, de facto, as cidades foram e são ainda na atualidade caracterizadas pela divisão social do seu território. A ocupação do espaço sempre originou lutas sociais, sobretudo em meio urbano; podemos mesmo considerar que o tecido social urbano é descontínuo e fragmentado. Assim, estamos perante uma cidade de dispersão social e física e de enclaves físicos e simbólicos, visíveis e invisíveis.

Referências bibliográficas

- AA. VV., *Demain la Ville – Rapport présenté au Ministre de l'Emploi et de la Solidarité* par Jean-Pierre Sueur – Maire d'Orléans, Tome I, La Documentation Française, Paris 1998.
- Beringuier, Christine, «Se reconnaître dans la ville: à chacun son quartier!», *Espaces et Sociétés*, n.ºs 34-35 (1980).
- Blanc, Maurice, «Politique de la ville et démocratie local. La participation: une transaction le plus souvent diférée», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 68/69 (1995), pp. 98-106.
- Fayman, Sonia, «La politique de la ville ... et les habitants?», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º68-69 (1995), pp. 114-122.
- Freitas, Maria João, «Pensar os espaços domésticos em contextos de realojamento», *Sociedade e Território*, n.º 25/26 (1998), pp. 153-154.
- Goffman, Erving, *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade social deteriorada*, Zahar Ed, Rio de Janeiro 1982.

³³ Guerra, Paula, «Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática», *Revista Angolana de Sociologia*, n. 10 (2012b) 91-110.

³⁴ Oberti, «La relégation urbaine, regards européens», op. cit., p. 237-247.

- Grafmeyer, Yves, «Regards sociologiques sur la segregation», in J. Brun - C. Rhein (eds.), *La Ségrégation dans la Ville, Édition L'Harmattan*, Paris 1994, pp. 85-117.
- Guerra, Paula, «Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade», *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. I, nº2 (1992), pp. 145-175.
- «A cidade na encruzilhada do urbano», Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2002a.
- «Cenários portuenses de insegurança. Contributos do interacionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio», *História – Revista da Faculdade de Letras*, Vol. 3 (2002b), pp. 125-159.
- «O Bairro do Cerco do Porto: cenário de pertenças, de afectividade e de simbologias», *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. 12 (2002c), pp. 65-144.
- «A cidade inclusiva», in A. M. Figueiredo – J.M.P. Penabad – E.J.V. Álvarez (coords.), *Retos de la Acción de Gobierno para las Ciudades del siglo XXI/Desafios da governação das cidades do século XXI*, Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, Porto/Vigo (2012a).
- «Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática», *Revista Angolana de Sociologia*, n. 10 (2012b), pp. 91-110.
- Jarreau, Philippe, *Du Bricolage: Archéologie de la Maison*, CCI-Centre Georges Pompidou, Paris 1985.
- Joseph, Isaac, «Le droit à la ville. La ville à l'oeuvre. Deux paradigmes de la recherche», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 64 (1994), pp. 4-10.
- Lefebvre, Henri, *Du Rural à l'Urbain*, Éd. Anthropos, Paris 1970.
- Martens, A. - Vervaeke, M. (coords.), *La Polarisation Sociale des Villes Européenes*, Anthropos, Paris 1997, pp. 111-123
- Mendes, Maria Manuela, *Nós, os Ciganos e os Outros: Etnicidade e Exclusão Social*, Livros Horizonte, Lisboa 2005.
- «Um olhar sobre a identidade e a alteridade: Nós, os Ciganos e os Outros, os Não Ciganos», Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos, 2005b.
- Oberti, Marco, «La relégation urbaine, regards européens», in S. Paugam (dir.), *L'Exclusion, l'État des Savoirs*, Éditions La Découverte, Paris 1996, p. 237-247.
- Paugam, Serge, «A desqualificação social», in Soulet, Mark-Henry, *Da Não-Integração. Tentativas de Definição Teórica de um Problema Social Contemporâneo*, Quarteto Editora, Coimbra 2000, p. 117.
- Pinçon, Michel et al, *Ségrégation Urbaine. Classes et Équipements Collectifs en Région Parisienne*, Éd. Anthropos, Paris 1986.
- Pinçon, Michel, «Des communautés peu ordinaires: élites sociales et comités de défense dans les beaux quartiers», in Haumont, Nicole (éd.), *La Ville: Agrégation et Ségrégation So-*

- ciales*, Éditions L'Harmattan, Paris 1996.
- Preteceille, Edmond, *La Ségrégation Sociale dans les Grands Villes*, Paris, La Documentation Française 1992.
- Rémy, Jean - Voyé, Lilianne, *Ville, Ordre et Violence*, Presses Universitaires de France, Paris 1981.
- Rodrigues, Marta, «*Vidas entrelaçadas em Darque: uma abordagem aos processos de (re)construção identitária de habitantes de bairros sociais*» Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2017.
- Rodrigues, Walter, «Urbanidade e novos estilos de vida», *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 12 (1992), pp. 91-107.
- «Globalização e gentrificação. Teoria e empiria», *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 29 (1999), pp. 95-125.
- Simon, Patrick, «La politique de la ville contre la ségrégation ou l'idéal d'une ville sans divisions», *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 68/69 (1995), pp. 26-33.
- Souza, Sibely da Silva, «*Periferias narrativas: vozes em trânsito*», Dissertação (Mestrado), Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus 2017.
- Willmott, Peter - Murie, Alan, *La Pauperisation du Logement Social. Le cas de la Grande-Bretagne et de la France*, Éditions L'Harmattan, Paris 1990 pp. 75-99.